

A Importância do Estudo do Patrimônio Histórico para o resgate da Memória.

Ana Cristina Provin Guzzo¹

Resumo:

Um dos maiores desafios encontrados pelo professor da atualidade é demonstrar ao aluno o quanto a disciplina com a qual trabalha é essencial para sua formação tanto pessoal quanto profissional. Este problema muitas vezes, é fator desencadeador de indisciplina. Após quinze anos atuando como professora de história no ensino público e particular creio ser minha missão motivar os alunos em relação à história, para que percebam como ela está presente no seu cotidiano. Acredito que se o aluno tivesse clareza em relação a esta necessidade seria muito mais fácil contribuir para a formação da consciência histórica nos cidadãos que estão em sala. Durante a implementação do Projeto serão trabalhados conceitos tais como memória, acervo, museu, documento, monumento, patrimônio, História. A produção didático-pedagógica coroa o Projeto e expressa com clareza o objetivo deste trabalho. Sua característica principal é levar à dúvida, curiosidade para que o aluno tenha realmente vontade e desejo de pesquisar e compreender os conceitos citados no parágrafo anterior. Não se pretende transformar alunos do primeiro ano A do Ensino Médio em pequenos historiadores, e sim levá-los a perceber que a História está narrada em diferentes documentos tais como: livros, cinema, canções, palestras, monumentos, construções, relatos de memória, etc., e são recortes de um determinado historiador ou historiadora, sendo que esta História narrada pode ser confrontada e até mesmo refutada.

¹ Professora da Escola Estadual Dois Vizinhos localizada na cidade de Dois Vizinhos. Formada pela FAFI - Palmas Paraná. Integrante do Programa de Desenvolvimento Educacional do Governo do Estado do Paraná.

Palavras-chave: Memória, Documento, Monumento, Museu, Patrimônio Histórico.

Abstract:

One of the biggest challenges faced by the teacher of today is to show the students how the discipline with which they work is essential to their training both personally and professionally. This problem is often a triggering factor of indiscipline. After fifteen years as a professor of history in public education, particularly I think it my mission to motivate students in relation to history, to understand how it is present in your daily life. I believe that if the student had clarity on this need would be much easier to contribute to the formation of historical consciousness in citizens who are in the room. During the project implementation will be worked out concepts such as memory, collection, museum, document, monument, heritage, history. The didactic and pedagogical production crown the Project and expressed clearly the objective of this work. Its main feature is lead to doubt, curiosity for the student really has the will and desire to research and understand the concepts mentioned in the previous paragraph. It is not intended to transform primary and high school students in small historians, but get them to realize that history is told in various documents such as books, movies, songs, speeches, monuments, buildings, accounts of memory, etc.. and cuttings are given a historian or a historian, and this history can be narrated confronted and even rejected.

Keywords: Memory, Document, Monument, Museum, Heritage.

1. Criando e Fundamentando o Problema: Memória e Patrimônio em questão.

Falar de história sempre implica em grande responsabilidade e,
2

sobretudo, cautela frente às novas tendências historiográficas que vem sendo abordadas e incorporadas historicamente no conceito desta ciência.

Quem já não se deparou com a frase: a história é a ciência que estuda o passado para melhor compreender o presente, talvez na tentativa de não cometer os mesmos erros do passado no futuro.

Para o historiador Marc Bloch esta afirmação é pobre e incorreta. Limitar a história ao conhecimento e deslocamento ao passado não explica a complexidade contida na abordagem das mudanças proferidas pelo homem, ou pelos homens, no tempo ou nos períodos. Qualquer vestígio de alteração provocada por um ato social, por menor que este seja, compromete-se com a história.

Bloch diz ainda que a própria idéia de que o passado, enquanto tal, possa ser objeto de ciência é absurda. Como, sem uma decantação prévia, poderíamos fazer, de fenômenos que não tem outra característica comum a não ser não terem sido contemporâneos, matéria de um conhecimento racional?²

Hobsbawm afirma que “o passado é uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana”³. Com base nessas afirmações feitas por especialistas da ciência histórica, comecei a moldar meu objeto de estudo. Por amar esta disciplina queria que meus alunos percebessem que ela é necessária e vital para a preservação da vida histórico cultural de seu país. Além disso, toda esta discussão sobre o passado é pertinente, pois constantemente ouvia brados inflamados de adolescentes que contestavam a importância e o caráter científico da história. Ousarei dizer que este projeto pretendia resgatar alguns conceitos dentro desta disciplina a fim de que o produto final fosse alunos íntimos da disciplina de história

² BLOCH, Marc. *Apologia da História ou Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

³ HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Quando me deparei com a seguinte afirmação de Hobsbawm senti-me ainda mais comprometida com o meu objeto de estudo. Ele afirma: “o historiador tem a responsabilidade de abordar a origem do “sentido do passado”.

Vejamos o que o historiador Eric Hobsbawm diz a respeito:

[...] passado, presente e futuro constituem um continuum. Todos os seres humanos e sociedades estão enraizados no passado – o de suas famílias, comunidades, nações ou outros grupos de referências, ou mesmo de memória pessoal – e todos definem sua posição em relação a ele, positiva ou negativamente. Tanto hoje como sempre: somos quase tentados a dizer “hoje mais que nunca”. E mais, a maior parte da ação humana consciente, baseada em aprendizado, memória e experiência, constitui um vasto mecanismo para comparar constantemente passado, presente e futuro. As pessoas não podem evitar a tentativa de antever o futuro mediante alguma forma de leitura do passado. Elas precisam fazer isto. Os processos comuns da vida humana consciente, para não falar das políticas públicas, assim o exigem. E é claro que as pessoas o fazem com base na suposição justificada de que, em geral, o futuro está sistematicamente vinculado ao passado, que, por sua vez, não é uma concatenação arbitrária de circunstâncias e eventos.⁴

2. Alternativas de trabalho: a memória em ação.

Ao dar continuidade ao meu estudo me deparei com Jacques Le Goff⁵. Ele deixa claro que a memória faz conservar através de imagens, inscrições, desenhos, documentos a lembrança de fatos consideráveis sobre a constituição da história. A constituição das memórias estabelece importante função social, na medida em que reproduz informações mesmo ante a ausência de dados escritos, baseando-se no estudo de objetos que marcaram o seu acontecimento.

⁴ HOBBSAWM, op. cit.

⁵ LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e Memória*. 3ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994

Deste modo, a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas⁶.

Comecei a perceber que segundo os autores era necessário que meus alunos tivessem bem claro o conceito de memória, para depois conceituar história. Passei a esboçar uma estratégia que fosse interessante ao primeiro ano A (ensino médio), sala escolhida para minha experiência. Então nas duas primeiras semanas iniciei o conteúdo como mandava o planejamento, História Antiga. Uma turma muito agitada, os alunos conversavam em excesso, ministrava minhas aulas para uma minoria. Na terceira semana expliquei à turma como seria a implementação do meu projeto, mas deixei alguns detalhes em segredo. Não comentei sobre exposição,, nem sobre a pesquisa que fariam..

Todo este mistério é porque o projeto era para adolescentes, e segundo Dracunova, citado por Yara Mattos:

Os adolescentes “buscam novos estímulos e isso vai propiciar o encontro de novos caminhos, pois precisam da biblioteca, vão a museus e exposições [...] Além disso, a arte exerce um verdadeiro fascínio entre eles. É uma fase de sonhos, de identificação com heróis e com personagens de aventuras, uma fase de abertura à percepção do novo e do interessante.

É hora de buscar novas relações com o grupo, fora da família, nesta fase o adolescente deseja conhecer por si mesmo o mundo das relações sociais.

Para os adolescentes, neste contexto, os museus são espaços altamente sedutores, instigadores da nossa imaginação, da nossa ludicidade, são espaços argumentativos e persuasivos.⁷

Com base nas afirmações de Dracunova e Le Goff me aventurei em um projeto que considerava audacioso, pois os meus alunos teriam que resgatar parte da memória de suas famílias. Acreditava que assim os tornariam capazes

⁶ Ibidem.

⁷ MATTOS, Yara. Os museus e seus amigos. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art...asp?id=1111>>. Acesso em: 12 mai. 2008.

de perceber como fazem parte da história, que até então lhes era, muitas vezes, distante.

Mercedes Vilanova⁸ diz em artigo recente: "Rememoración en la historia" "uma memória viva felizmente, é sempre uma memória conflitiva." Ao colocar os adolescentes em contato direto com a geração mais velha da sua família, dos bairros, homens e mulheres que mantêm a memória de sua criação e desenvolvimento resgatamos valores tais como respeito e admiração causando aproximação entre os componentes das famílias, a partir do momento em que vão percebendo a trajetória que esta família fez para chegar onde está, além de perceberem que sua memória pode tornar-se documento vivo.

Mas como iniciar sem que eles soubessem o que eu desejava? Afinal eu queria causar uma confusão em suas cabeças, ou seja, "destruir para reconstruir".

Iniciei as atividades em sala com *slides Power Point*, sobre Memória, fato histórico, fontes históricas, patrimônio histórico, museu, alguns ícones da ciência histórica. Nesta altura da implementação, usei duas aulas para trabalhar meu planejamento semestral e outras duas foram dedicadas ao projeto.

Para Le Goff⁹, a memória pode se apresentar sob duas formas principais: a dos *monumentos*, que ele considera como uma herança do passado, e a dos *documentos*, que são escolhidos e selecionados pelo historiador em seu trabalho. Os objetos ou fatos do passado são considerados monumentos, porém se estes forem estudados ou pesquisados por historiadores passam a ser vistos como documentos. Tanto os monumentos quanto os documentos são materiais da memória.

A primeira atividade pratica foi chamada de Caixa de Espuma. Eu

⁸ VILANOVA, Mercedes. Rememoración em la historia. In: *Historia antropología y fuentes orales*. Memória rerum. n.30, 3ª. Época, año 2003, p. 23-40.

⁹ LE GOFF, op. cit..

precisava iniciar na prática meu trabalho, ou seja, precisava levá-los a conhecer e se convencer de que a História é uma ciência e que precisamos utilizar esta ciência para preservar o patrimônio.

Partindo desses pressupostos e objetivos, dividi a turma em dez grupos cada um com cinco alunos. Um representante de cada equipe deveria vir até minha mesa e pegar um objeto aleatoriamente e responder às seguintes questões:

1. Que objetos são estes?
2. De que são feitos?
3. Para que servem ou serviam?
4. Quem você acha que utilizou este objeto?

Inacreditável foi o empenho dos grupos, fiquei muito feliz e ao mesmo tempo impressionada. Imaginem cinquenta e quatro adolescentes em dez grupos concentrados. Nesta primeira atividade me senti realizada, pois ela deu certo. Todos acharam interessantes os objetos e queriam adivinhar o que era, de quem era, para que serviam.

Feito isto, cada grupo escolhia um representante que respondia as questões para o resto do grande grupo. Fiquei os observando, não os ajudei e cada um tentava dar uma explicação para o objeto. No final desta atividade, lhes expliquei que os objetos eram de minha família, contei-lhes que cada um tinha um valor inestimável para mim. Comentei com eles que da mesma forma, o historiador também tem dúvidas sobre o que pesquisa e nem sempre ele consegue descobrir a verdade do objeto. Além disso, o historiador pesquisa algo que lhe chama a atenção.

Passei no quadro conceitos de memória, fato, patrimônio. Queria que entendessem que a memória é única de quem a absorveu ou a viveu e que ela pode ser interpretada sob diversos ângulos. Portanto seus pais eram proprietários das memórias dos objetos que pertenciam a gerações anteriores as suas como avós e bisavós. Estes eram os verdadeiros donos dos objetos, apenas eles poderiam “falar” sobre o objeto. Quem tinha seus avós vivos

conseguiria esta façanha, conhecer verdadeiramente o objeto, os demais teriam que se contentar com a narrativa dos pais, tios, enfim outros parentes. Infelizmente, para a grande maioria das pessoas, principalmente para a maior parte dos alunos, o lugar da história é o museu

Era necessário quebrar alguns paradigmas. Vejamos o que diz Possamai¹⁰. Segundo a autora, ao museu, é delegada a função de guardar, lugar depositário de todas as quinquilharias que não cabem mais no guarda-roupa, em casa, enfim, na vida dos indivíduos, grupos sociais ou instituições, mas que fazem parte da memória coletiva.

Para a autora, como o indivíduo, obviamente, não guarda todos os objetos que passam pelas suas mãos ou circulam no seu cotidiano ao longo de sua vida, é correto supor que ele opera uma seleção entre as coisas materiais que vai guardar. A significação simbólica atribuída ao objeto é o que possibilita a sua conservação, num primeiro momento em casa e, posteriormente, no museu. No percurso que vai da guarda em casa para a guarda no museu, porém, o indivíduo atribui ainda um “outro valor” ao objeto. Ou seja, além do valor que ele próprio conferia em casa ao objeto, ele desconfia que no museu o objeto possa receber outro valor, um valor diferente daquele que ele próprio atribuiu.

Consideremos a afirmativa da autora acima citada:

Pode-se encontrar, assim, no mínimo três momentos em que são dados significações ou valores diferenciados ao objeto: o primeiro, de ordem subjetiva, é conferido pelo indivíduo a um determinado objeto, a ponto de garantir-lhe a preservação junto de si (afetivo, lembranças da infância, elo com mortos) pelo decurso de certo tempo; o segundo, quando passado um tempo mais prolongado, o detentor do objeto “desconfia” do valor potencial do objeto como *peça de museu*, devido à observação de suas características de antigüidade, geralmente; o terceiro, finalmente, quando ele é admitido no interior do museu, recebendo as significações do corpo funcional do museu, transformando-se em um dos objetos do seu acervo.¹¹

¹⁰POSSAMAI, Zita Rosane. Entre chapéus, fotos e fantasias de momo: as artimanhas do percurso museal. Disponível em: <<http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=194>>. Acesso em: 01 jul. 2008.

¹¹ Ibidem.

Nesse sentido, o museu é representado como um *guardião*. Guardião dos objetos, mas também dos significados, das lembranças, das memórias, do passado, das lembranças da infância e da juventude que eles carregam, enfim, de tudo que se considere importante para perdurar, “para ficar”, “para não se perder”.

Para Possamai as práticas relacionadas à etiquetagem, à catalogação, à classificação, à conservação concretizam a operação de introdução do objeto no museu; a sua transformação em *peça de museu configura* aquilo que denominamos de sagrado. Porém, a exposição, através da qual o objeto será colocado em uma vitrine, configura-se no coroamento do processo de transformação desse objeto no sagrado. Como objeto sagrado, ele passa a ser intocável, seu significado passa a ser inquestionável, pode ser venerado pelo seu significado aparentemente inerente, ou seja, ser *peça de museu*.

A fim de desfazer certos mitos em relação ao museu e à memória elaborei dois questionários. No primeiro, envolvi a família, os vizinhos ou parentes. Os alunos deveriam realizar essa pesquisa sobre a história do município e do patrimônio cultural municipal em casa, no prazo de três semanas.

Questionário 1:

Colégio Estadual Dois Vizinhos

Professora: Ana Cristina Provin Guzzo

Disciplina: História

Turma: 1º A ano Ensino Médio

Aluno(a):

APLICAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA – PDE

Atividades de Avaliação: Ficha de Percepção Acerca do Patrimônio Cultural

Objetivo: Essa oficina objetiva saber se os indivíduos da comunidade conhecem realmente a região onde vivem e o que consideram mais importante em sua cidade, que pode vir a ser considerado o patrimônio local. Após responder as questões, os grupos deverão apresentar para os demais suas respostas.

A - Entreviste alguém de sua família ou vizinhança.

1. Nome do seu município.

2. Nome do entrevistado.

3. Descrição da região onde vive (Como é o lugar e o município, se tem praças, o que tem de legal etc.).

4. O que sabe da história da região onde vive.

5. Cite um lugar importante e explique por que é importante.

6. Onde não se deve deixar de ir? Explique por quê?

7. O que não se pode deixar de ver? Por quê?

8. O que não se pode deixar de participar neste município? Por quê?

9. O que não se pode deixar de comer/beber? Por quê?

10. O que você entende por Patrimônio Cultural?

No segundo questionário, o objetivo principal era que sentassem e refletissem sobre bens, a fim de que soubessem que ele não é apenas capital e se refere também a objetos de valor memorial.

Questionário 2:

Colégio Estadual Dois Vizinhos

Professora: Ana Cristina Provin Guzzo

Disciplina: História

Turma: 1º A ano Ensino Médio

Aluno(a):

Data:

APLICAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA – PDE

1. Você sabe o que é um bem?
2. Quais são os seus bens?
3. E os bens de sua família? Por que eles são importantes?
4. Quais são os objetos mais antigos da sua família?
5. Quando foram comprados ou produzidos?
6. A quem pertenceram e a quem pertencem atualmente?
7. Serviam ou servem para que?
8. Pergunte a sua mãe e a seu pai onde nasceram? quando nasceram?
9. Quantos irmãos tiveram? Onde estudaram? Onde brincavam? Como brincavam?
10. Quem são os seus pais?
11. Quem são seus avôs/avós?
12. Qual a profissão dos seus pais?
13. Gostam do que fazem?
14. Qual a profissão dos seus avós?
15. Você sabe o que é cultura?
16. O que seria um bem cultural?

17. Porque eles são importantes?
18. Dê exemplos de bens culturais?
19. Você sabe dizer quais são os bens culturais de sua Cidade?
20. O que é Patrimônio Cultural?
21. O que é tombamento?
22. Quais os bens culturais tombados em sua cidade?

Interessante é que oitenta por cento consideraram “Bem”, como sendo sinônimo de Capital Financeiro. Setenta por cento não sabiam se a família possuía objetos antigos ou de valor sentimental. Grande maioria (95 %) citou que tombamento é “quando algo é derrubado”.

Enquanto os questionários iam sendo respondidos, em sala fui trabalhando com slides:

- 1º Chico Memória – Disponível no site *You Tube*,
- 2º Entre história, cultura e memória: os desafios da educação patrimonial
- 3º Etapas da metodologia de Educação Patrimonial
- 4º Vídeo clipe Memória do Grêmio – Disponível no site *You Tube*
- 5º Vídeo clipe Missões Jesuítas – Disponível no site *You Tube*
- 6º Resumo da Fundamentação Teórica do meu Projeto.

Aos poucos eles iam compreendendo os conceitos de memória, monumento, documento, patrimônio histórico.

Como sétima atividade, eles assistiram ao videoclipe que fiz, usando fotografias:

- a) de objetos de um hotel, do museu de Sinhara e do Tropeiro em Castro, Paraná;
- b) Primeira igreja construída em Aparecida, São Paulo;
- c) Imagens da Igreja de Campinas, São Paulo;
- d) Fotografias antigas e novas do município de Dois Vizinhos.

O vídeo era bem confuso, apareciam imagens apenas, sem dizer de onde eram. Porém, coloquei algumas perguntas no decorrer do vídeo sobre memória, papel do historiador, documento, veracidade de documentos, etc.

Eu os observava, enquanto eles assistiam ao vídeo eu os observava: alguns olhavam sem entender, houve muita conversa, distração, alunos perguntando o que “era aquilo”. No entanto, também percebi grande movimentação e interesse quando iniciaram as fotos do município com fundo musical do hino municipal. Ao ver imagens conhecidas e ao ouvir o hino muitos até se emocionaram. Duas alunas queriam se levantar e cantar o hino em posição de sentido. Chamo isso de sentir-se parte da memória, e é assim que se valoriza o patrimônio.

O objetivo do vídeo era demonstrar que muitos museus não tratam da história e apenas são possuidores da memória. Fazê-los entender que eles possuem em casa muita memória, só precisam colocá-las no papel. Portanto o material visual produzido que tinha a intenção de “destruir para reconstruir” deu resultado positivo. Pude afirmar o que Chagas conclui muito bem:

[...] museu e patrimônio constituem campos distintos e complementares, que freqüentemente dançam ao som de uma mesma música. Ora é um, ora é o outro quem conduz a dança¹².

No quadro escrevi com ajuda dos alunos que os documentos, a memória, fazem parte juntamente com outros aspectos, tais como: as formas de expressão, os modos de criar, fazer, viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico, daquilo que chamamos de patrimônio cultural.¹³

Como estava trabalhando com adolescentes e sabendo que não gostam de imposições, resolvi induzi-los a um projeto, claro que eu já o tinha em

¹² Ibidem.

¹³ Disponível em: < http://www.fundarpe.pe.gov.br/politicacultural_patrimonio.php>. Acesso em: 17 jun. 2008.

mente, porém não deixei que eles soubessem. Usando as dicas deles mesmos os alunos, ficou esquematizado no quadro o seguinte projeto de aula:

Título: História e Educação Patrimonial

Tema: A História e o Resgate da memória: primeiro passo para preservar o Patrimônio Histórico.

Objetivo: Resgatar a memória das famílias do primeiro ano A do Colégio Estadual Dois Vizinhos.

Como: Exposição para alunos do colégio

Etapas: 1. O que (escolher algo, um objeto a ser pesquisado)

2. Onde está o objeto (procurar)

3. Investigar, buscar na memória oral ou escrita a origem, o valor do objeto que o aluno escolheu

4. No final do semestre formariam grupos para apresentar o objeto, sua memória e a conjuntura brasileira onde estava inserido tal objeto.

Os grupos foram se formando de acordo com a afinidade. Ressalto mais uma vez que adolescente não gosta de imposição, era preciso que tudo fosse prazeroso para eles. Não os pressionei, cada um ficou com a obrigação de encontrar algum objeto antigo ou de valor, para eles ou para a família. Nem todos conseguiram encontrar um objeto. Estes com certeza não tinham nenhuma noção de Bem Cultural, Patrimônio. Outros no final do prazo encontraram algum objeto.

Enquanto isso, continuei utilizando a tecnologia (*TV Pendrive*). Assistiram slides, e pequenos vídeos encontrados no *Google* e *You Tube*, sobre o assunto, a fim de que fossem amadurecendo os conceitos que eu desejava, fiz uma síntese da fundamentação teórica do meu projeto e estudei com eles no quadro.

Discutimos em sala e através de questionários que passei para que fizessem em casa, algumas das perguntas que estavam no material pedagógico (o vídeo):

Quem é o historiador?

Ele é neutro em suas pesquisas?

Qual a importância das imagens do vídeo para a história?

O que é memória?

Podemos considerar as imagens do vídeo como memória ou história?

O que é história? Como ela é construída? Quem a escreve? Será que ela existe?

Quando memória e monumento se tornam documento?

Quem tem o poder de tornar a Memória documento?

Como o patrimônio é tratado em seu município?

Será que o estudo do patrimônio pode ajudar a conservar a memória coletiva e construir a história do seu município?

Qual o papel dos museus para resgatar e preservar a Memória?

Com que interesse estes objetos, monumentos, edificações foram construídos?

Da forma como estes objetos estão dispostos, conseguimos compreender o que são?

Onde estão localizados?

Será que os objetos falam por si só?

Recuperar a memória é resgatar os valores e os amores para com a nação? Você faz parte da história?

Infelizmente em nosso país é pouco se valoriza a preservação do patrimônio cultural. A exemplo comentamos sobre o que vem acontecendo em

nosso município: todos os casarões estão sendo destruídos para a construção de novas edificações.

O estudo do patrimônio cultural é tão importante que em nossa Constituição merece destaque no artigo 216:

[...] o "patrimônio cultural é formado por bens de natureza material e imaterial, tomadas individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico;"¹⁴

Se a própria Carta Magna deixa bem claro a importância do patrimônio cultural, porque não estudá-lo em sala de aula? Nosso país tem um patrimônio riquíssimo, que não é preservado como deveria exatamente pela falta de conhecimento da população. A educação patrimonial deve ser urgentemente inserida nos programas escolares, os professores deveriam trabalhar a fim de que a memória não fosse abandonada, pois um povo sem memória perde suas características e facilmente é dominado, tanto culturalmente quanto economicamente. Faz-se necessário a educação patrimonial.

Segundo Fabíola Batistin¹⁵ a educação patrimonial nada mais é do que uma proposta interdisciplinar de ensino voltada para questões pertinentes ao patrimônio cultural. Compreende desde a inclusão, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de temáticas ou de conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e a conservação do patrimônio histórico, até a

¹⁴ Constituição da República Federativa do Brasil: 1988. 17. Ed. 2001 – Centro de Documentação e Informação Coordenação de Publicações – Brasília.

¹⁵Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/pesquise_monografias_texto.php?id_m=227>. Acesso em: 05 jun. 2008.

realização de cursos de aperfeiçoamento e extensão para educadores e a comunidade em geral, a fim de propiciar informações do acervo cultural, despertando nos educandos e na sociedade o senso de preservação da memória histórica e o conseqüente interesse pelo tema.

Quando se preserva legalmente e na prática o patrimônio cultural, conserva-se a memória do que fomos e do que somos: a identidade da nação. Patrimônio, etimologicamente, significa "herança paterna" - na verdade, a riqueza comum que nós herdamos como cidadãos, e que se vai transmitindo de geração a geração.¹⁶

Uma grande minoria sabe que além do Estado, todos os cidadãos devem promover a proteção do patrimônio cultural das cidades, provocando os institutos próprios de preservação, ligados à Prefeitura Municipal, ao Estado, ou, ainda, à União (IPHAN⁽¹⁾). A sociedade pode, ainda, organizar-se em associações ou fundações com tais finalidades.

Somente uma população preparada, bem informada pode reivindicar junto às autoridades a preservação do patrimônio cultural, da memória.

Introduzir na sala de aula o debate sobre o significado de festas e monumentos comemorativos, de museus, arquivos e áreas preservadas, permeia a compreensão do papel da memória na vida da população, dos vínculos que cada geração estabelece com outras gerações, das raízes culturais e históricas que caracterizam a sociedade humana. Retirar os alunos da sala de aula e proporcionar-lhes o contato ativo e crítico com ruas, praças, edifícios públicos e monumentos constitui excelente oportunidade para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa.¹⁷

Este "retirar" os alunos da sala de aula significa tornar as aulas mais agradáveis, possibilitar a aproximação do pesquisador (estudante) com o objeto de estudo (memória, documentos, monumentos).

¹⁶ Disponível em: <<http://www.fundarpe.pe.gov.br/>> Acesso em: 17 jun 2008

¹⁷ **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**, 1999, p. 306

Portanto, tendo em vista as discussões dos autores acima citados percebemos a importância e a necessidade urgente de se estudar a memória, documento, monumento e patrimônio cultural na sala de aula.

Este projeto visava contribuir com esta idéia, resgatar estes conceitos e, principalmente, torná-los acessíveis aos alunos, futuros adultos, possuidores de uma nova visão sobre aquilo que é necessário ser preservado. Por fim, a concretização da formação da consciência histórica, necessária para preservação cultural e para a autodeterminação de um povo que deseja a independência total.

Enquanto todo este trabalho de fundamentação ia sendo feito a turma se dividiu em nove (9) grupos, cada um tendo como líder o aluno que conseguiu algum tipo de objeto de memória na família. Este líder ia formando o seu grupo como outros alunos que se sentiam atraídos pela memória do colega. Portanto a turma se dividiu em torno dos seguintes objetos:

1. Mala antiga
2. Fotos de festas comemorativas dos surdos da cidade
3. Carteira de vacinação
4. Lousa (caderno) usada pelo avô de um aluno
5. Radio antigo
6. Um carro antigo: corcel
7. Uma bíblia do século XIX
8. Moedas (de alguns períodos brasileiros)
9. Fotos de um soldado da segunda guerra mundial

Todos os grupos recebiam a seguinte orientação: o líder do grupo era o dono do objeto de pesquisa e por isso escreveria sobre a memória do objeto pesquisando em casa com seus pais, tios e avós. Em seguida deveriam se reunir e pesquisar: O que acontecia no Paraná ou município no momento em que o objeto era usado? O que se passava no Brasil?

Nesta altura do trabalho eu me sentava com os grupos em horário contrário ao normal e discutíamos sobre suas dúvidas bem como sobre os

objetos, ajudava-os a pesquisar em livros e na web. Aos poucos a relação professor-aluno se aproximou e estreitamos nossa relação. Percebiam que em alguns momentos eu também tinha dúvidas, trocávamos muitas idéias, e o processo ensino-aprendizagem foi acontecendo de forma gostosa e tranqüila, sem o compromisso de aprender para fazer atividade individual escrita.

Partimos então para a montagem da exposição. Mais uma vez a opinião dos alunos foi muito decisiva. Eles votaram e aprovaram a seguinte idéia: Tirariam fotografias dos objetos que não pudessem trazer para a escola. Ampliariam a memória e a pesquisa que haviam escrito. Em seguida colocaríamos em grandes cartazes (baners) no sagão da escola, os alunos se revezariam nos três períodos, manhã, tarde e noite.

Passaram-se duas semanas. Foi o prazo estipulado para que pudessem montar os cartazes, colar as moedas antigas em isopor, fotografar o carro, enfim se preparar para a exposição, todos em horário extraclasse. Além disso, cada grupo ficou encarregado de escrever um pequeno resumo de no máximo dez (10) linhas sobre o seu objeto de estudo. Minha intenção era fazê-los pensar sobre o objeto, a memória, o documento, o monumento, e o patrimônio histórico-cultural.

3. Conclusão: História, Memória e Patrimônio: temas necessários na sala de aula.

Em todos os momentos me emocionei com a tamanha dedicação dos adolescentes. No grande dia colocamos os banners em círculo no grande saguão, cada grupo ficou responsável pela montagem, apresentação e entrega do resumo da memória do seu objeto aos visitantes. Grande parte dos pais visitou a exposição. Envolvermos a comunidade escolar em uma atividade totalmente sem compromisso com a nota. Em nenhum momento pediam “quanto vai valer este trabalho professora”, frase que antigamente era corriqueira. Conversei com a direção e os alunos faziam a visita em pequenos grupos para não se perder o sentido do trabalho. Era preciso que o público alvo

compreendesse:

1. Como deveria ser de fato, um museu (não basta colocar o objeto e o nome apenas);
2. Que nem sempre o “dono da memória do objeto” esta vivo e o historiador precisa se conformar com o relato sobre a memória guardada por outros.
3. Que é preciso ter respeito à memória da família, do município enfim do país.

Passado uma semana nos reunimos para avaliar a exposição. Em círculo cada um, oralmente dava o seu parecer. A maioria teceu elogios, um pequeno grupo achou que deveríamos apresentar em um espaço ainda maior e para várias escolas. O que importa é que todos, sem ressalva, gostaram e aprovaram o projeto. Reforcei alguns itens tais como: o historiador escreve a visão que ele teve sobre a memória de alguém por meio de regras estabelecidas pelo ofício do “fazer história”, tais regras são definidas pela comunidade de “pares”, portanto, mudaram e mudam no decorrer do tempo, elemento que nos fazem pensar a respeito do conceito de verdade; a diferença entre um museu preocupado com essas questões e aqueles que apenas apresentam o objeto como se ele “falasse” o que é a sua história.

A última atividade foi uma produção de texto sobre o tema do projetinho que tinham feito: “A História e o Resgate da memória: primeiro passo para preservar o Patrimônio Histórico.”

Com base na fundamentação teórica e na minha experiência, posso afirmar que o aluno pode gostar de trabalhar a história, basta que ele se sinta parte integrante da história, e foi isso que aconteceu. Ao procurar os objetos, os alunos entraram em contato com as histórias de suas famílias.

Alguns descobriram que seus antepassados foram mocinhos ou bandidos. Foi o caso de uma aluna, ela descobriu que seu avô lutou na Segunda Guerra Mundial. Ele morava na Rússia e lutou contra o exército comunista.

Além disso, muitos descobriram que é muito bom ouvir as memórias da família e passaram a dar importância para a preservação do patrimônio, tanto da família quanto do município. É preciso educar para preservar e isto cabe a nós professores, a fim de que possamos ter no futuro próximo cidadãos conscientes que exijam das autoridades a preservação do patrimônio.

REFERÊNCIAS

BATISTIN, Fabíola. **Arte Pública: um olhar investigativo à educação patrimonial.** Disponível em: http://www.artenaescola.org.br/pesquise_monografias_texto.php?id_m=227>. Acesso em: 05 jun. 2008.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivística: objetos, princípios e rumos.** São Paulo: Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_24/ferrarezi.pdf>. Acesso em 17 jun.2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou Ofício de Historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BURKE, Peter (org). **A Escrita da História: Novas Perspectivas.** São Paulo: Unesp, 1992.

CERTEU, Michel. **A Escrita da história.** 2ª Ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2002.

CHAGAS, Mário. **Museália.** Rio de Janeiro: JC, 1995.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: Análise Museológica do processo de concepção, montagem e avaliação.** São Paulo: USP, 1999.

Diretrizes Curriculares Da Educação Fundamental Da Rede De Educação Básica Do Estado do Paraná. Ensino Médio. História.

DRACUNOVA, T. V. **Particularidades Psicológicas Del Adolescente**. In: PETROVSKY, A. V. **Psicología Pedagógica y de las Edades**. La Habana: Pueblo Y Educación, S/D.

FERNANDEZ, Argélia, AGUILLERA, Maria del Carmen Hidalgo et alli. **La Periodización del Desarrollo Humano desde um enfoque Integral**. La Habana: ISP. "Enrique J. Varona"/Dpto. Estudios del Adolescente, 1996.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu & PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2006.

FUNДАРPE. **Política Cultural: Patrimônio**. Disponível em: http://www.fundarpe.pe.gov.br/politicacultural_patrimonio.php. Acesso em: 17 jun. 2008.

GUIMARÃES, Nathália Arruda. A proteção do patrimônio cultural: uma obrigação de todos. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 8, n. 354, 26 jun. 2004. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=5372>>. Acesso em: 06 nov. 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

MATTOS, Yara. **Os museus e seus amigos**. Disponível em: http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1111. Acesso em: 12 mai. 2008.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Do Teatro da Memória ao Laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. Nova Série, São Paulo, v. 2, jan./dez. 1994.

NORA, Pierre. Entre Memória e História. A Problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, nº 10, dez. 1993.

PESSANHA, José Américo da Motta. O sentido dos Museus na Cultura. In: **O Museu em Perspectiva**. Série Encontros e Estudos 12. Rio de Janeiro: MinC/FUNARTE/Coordenadoria de Folclore e Cultura Popular, 1996.

Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, 1999

PINHEIRO, Marcos José. **Museu, Memória e Esquecimento**. Rio de Janeiro: E. Papers, 2004.

Portal dia a dia Educação

POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu. Patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre: Est. Edições, 2002.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. **Além do artefato: apreciação em museus e exposições**. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: MAE/USP, n. 8, 1998.

SOARES, André Luís Ramos. **Educação Patrimonial: Teoria e Prática**. Ed. UFSM. 2007.

VILANOVA, Mercedes. **Rememoración em la historia**. In: *Historia antropología y fuentes orales*. Memória rerum. n.30, 3ª. Época, año 2003, p. 23-40.

NOTAS:

1. Atualmente, o Brasil possui o IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, criado em Janeiro de 1937 no Brasil, criado para promover atividades ligadas à proteção do Patrimônio Cultural.

